muito maior do que na católica. A participação direta do indivíduo no culto levou as igrejas reformadas a uma preocupação séria e constante com a educação musical do povo, uma vez que o cântico consubstanciava, de maneira simples e agradável, o privilégio de louvar a Deus.

Todavia, convém não esquecer dois pontos importantes nessa contribuição do protestantismo para a história da música: primeiro, o papel de Lutero, êle próprio músico e compositor; segundo, o interêsse pelo canto coral não foi, pelo menos nos primeiros tempos, generalizado em tôdas as igrejas reformadas. Dentro do rigor puritano, calvinista ou escossês, a música como que não se sentia muito à vontade... Daí a contribuição muito menor das igrejas filiadas à confissão calvinista para a música religiosa.

Mas, falávamos do roteiro de Lutero a Bach, com escalas principais em Schütz e em Buxtehude (na Alemanha) e em Goudimel e em Claude Le Jeune (na França). Os dois primeiros, especialmente, por terem sido os precursores de Bach nas duas formas em que o seu gênio mais produziu: o oratório e a cantata. Era o estudo dessa evolução que esperávamos encontrar ao ler o livro do Dr. Nettl, divulgado entre nós em tradução espanhola e editado por La Aurora, de Buenos Aires, editôra que nos parece de orientação protestante. Entretanto, a leitura não correspondeu à nossa expectativa. Manda a verdade, porém, que afirmemos que nosso desaponto (não chegou absolutamente a ser decepção...) deve ser atribuido não ao autor, mas ao tradutor argentino que entendeu de alterar o título, como infelizmente acontece, e de maneira inexplicável, com relativa freqüência com as traduções de procedência argentina. O **De Lutero a Bach** do tradutor argentino é apenas **Luther and music** da edição original, coisas, como se vê, bem diferentes. O título argentino implica uma idéia de evolução que o autor nunca pretendeu. Daí a rapidez com que trata dessa evolução num capítulo, êste sim intitulado "De Lutero a Bach" e onde a apreciação do assunto não poderia, de fato, ocupar mais do que uma dezena de páginas, sem entrar na análise pormenorizada da obra dos que precederam o célebre **cantor** de São Tomaz.

Todavia, dentro do que o A. pretendeu realizar, seu livro é realmente valioso e vale como um subsídio magnífico para a história da música religiosa, particularmente para a contribuição de Lutero, e cuja leitura recomendamos vivamente a todos os melómanos e a todos os que se interessam por êsse setor tão empolgante da história da civilização. E' obra de leitura simples, agradável, sem exemplos musicais, que, geralmente, assustam os não iniciados. Se alguem, um dia, editá-lo no Brasil, desejamos apenas que conserve o título original...

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

LES FRANÇAIS EN AMÉRIQUE PENDANT LA DEUXIÈME MOITIÉ DU XVIe SIÈCLE.

1. **Le Brésil et les brésilens**, par André Thevet. Choix de textes et notes par Suzanne Lussagnet; introdution par Ch.-A. Julien. París, Presses Universitaires de France, 1953. (Col. "Pays d'outre-mer", deuxième série — "Les classiques de la colonisation").

Da aventura francesa no Brasil, em meados do século XVI, resultaram numerosas informações sôbre o nosso país, pelas quais são responsáveis Jean de Lery e André Thevet, religiosos (um protestante, o outro católico), que acompanharam Villegaignon naquela emprêsa. A obra de Lery é incomparàvelmente mais valiosa do que a de Thevet, nela se encontrando qualidades raras em viajantes daquela época, como a objetividade e, especialmente, a veracidade. Daí a projeção maior de seu nome e o maior aproveitamento de seus escritos como fonte para a história brasileira do século XVI. Em Thevet "aparece aquela imaginação fértil e aquêle pedantismo literário, tão comuns ao século XVI... No fundo, uma alma cândida e crédula. Uma boa alma de franciscano. Pelas longas

citações de latim e de grego, procurava aparentar uma ciência que não tinha. Não sabia ver as coisas com justeza. A mediocridade extrema de seu espírito deformava tudo o que via, na ânsia de ostentar uma erudição que lhe vinha de oitiva e um senso crítico que lhe faltava por completo" (Almir de Andrade).

Apesar desta apreciação severa que, em grande parte, coincide com a verdade, Thevet tem também algum mérito, e é sempre com prazer que vemos a reedição dêstes clássicos de nosso passado, ou "clássicos da colonização", segundo a expressão adotada pela **Presses Universitaires de France** para designar uma nova coleção, ou melhor, uma nova série da coleção **Pays d'outre-mer**, já conhecida entre nós pela primeira série — **Études coloniales** —, na qual se encontram, entre outros, o trabalho de P. Gourou sôbre os países tropicais e o de Bonnault sôbre o Canadá francês.

Les classiques de la colonisation deverá compreender 15 volumes, alguns subdivididos, reeditando ou editando pela primeira vez fontes preciosas para a história da colonização francesa, todos precedidos de estudos críticos e devidamente anotados. Assim, teremos nessa coleção os relatos de viagem de Gonneville, de Verrazano, de Cartier, de Roberval, de Champlain, os textos de Thevet e de Lery (sôbre o Brasil), as correspondências de Colbert, Richelieu e Dupleix, a obra clássica de Raynal, além de escritos de Gallieni, de J. Ferry, de Schoelcher, de Faidherbe, entre outras cousas.

O volume que a **Revista de História** recebeu, por gentileza especial dos editôres, é a primeira parte do segundo volume — **Les Français en Amérique, pendant la deuxième moitié du XVI.e siècle. I. Le Brésil et les Brésiliens, par André Thevet.** (A segunda parte compreenderá a obra de Lery). Contém as partes relativas ao Brasil da **Cosmographie Universelle**, da **Histoire d'André Thevet et de deux voyages par lui faits aux Indes Australes et Occidentales** e de **"Le Grand Insulaire et Pilotage**, estas últimas inéditas, e cujos manuscritos se encontram na Biblioteca Nacional de París.

A **Cosmographie Universelle**, publicada em 1575, só agora foi reeditada, ao contrário de **Les singularitez de la France Antarctique** que, publicada em 1558, foi reeditada em 1878 por Paul Gaffarel, e já se encontra traduzida em português. Há quem empreste mais valia à **Cosmographie** do que às demais obras de Thevet, e entre êstes se encontra Métraux: "Son oeuvre principale, la **Cosmographie**, est malheureusement trop peu connue, ce qui s'explique par sa rareté".

Uma obra como a de Thevet, deficientíssima sob muitos aspectos, só vale a pena ser reeditada com anotações cuidadosas, de estudiosos especializados no assunto. E sob êste ponto de vista, foi muito feliz a iniciativa desta reedição. As numerosas notas, que surgem em cada página do volume, valem por excelentes e eruditas lições de história, de lingüística, de etnografia, de sociologia, afiançadas por nomes de responsabilidade, entre os quais, com satisfação, encontramos alguns ligados ao grupo da **Revista de História**, da Sociedade de Estudos Históricos e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, como Plínio Ayrosa, J. J. Philipson, Florestan Fernandes, Myrian Ellis, Marcondes de Souza e J. P. Leite Cordeiro.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

GREENHALGH (Juvenal). — **O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na História**, 1763-1822. Comentário do Contra-Almirante Álvaro Alberto; desenhos de Armando Pacheco e Ary Monteiro Martins. Rio, 1951. 236 pp.

O primeiro volume de **O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na História**, que esta Revista teve o prazer de receber, abrange o período que vai da fundação, em 1763, até 1822. Seu autor, o Contra-Almirante Juvenal Greenhalg diz, no prefácio, porque escreveu o livro: "decorre do pendor natural para os estudos de História ao serviço de um impulso sentimental". E explica: "E' que, tendo passado quase tôda a minha mocidade entre aquelas velhas e amadas paredes que, dentro em breve, pelo imperativo do progresso, vão sumir em pó